

PURIM

BRINCAR É COISA SÉRIA

Numa reunião de pais e mestres na escola do meu filho, a professora explicava a função do brincar na vida da criança: a importância de cada brincadeira no seu desenvolvimento físico, cognitivo e emocional.

Para concluir a reunião, a professora disse: “Como vocês podem ver, brincar é coisa séria!!!”

Geralmente associamos a religião à formalidade e à solenidade. Os serviços de Iom Kipur seriam um modelo clássico do que consideramos uma experiência religiosa séria.

Por isso, em muitas comunidades, o espírito brincalhão de Purim é tomado como algo puramente infantil e reservado quase que exclusivamente às crianças, ficando os adultos no lugar de meros expectadores.

Mas, parafraseando a professora do meu filho, “Em Purim, brincar é coisa séria!!!”

Não é a toa que nossa tradição estabeleceu uma forte relação entre Iom Kipur e Purim, apontando para a semelhança linguística entre as palavras **KIPUR PURIM**. Estes são os dois lados importantes de uma vida espiritual madura: a solenidade E a brincadeira.

A brincadeira aparece em Purim de várias maneiras, mas principalmente no uso de máscaras e fantasias.

Existem várias explicações para o uso de máscaras e fantasias em Purim. Uma explicação é que as máscaras simbolizam a presença “mascarada” de Deus na história de Purim, já que o nome de Deus não é mencionado explicitamente nenhuma vez na história.

Outra explicação para o uso de máscaras e fantasias se refere à dupla identidade dos vários personagens da história: um rei que na verdade não mandava, um fiel ministro que na verdade queria se tornar rei, uma rainha que na verdade era judia.

Esta última explicação para o uso das máscaras e fantasias nos convida a explorar e brincar com

nossas próprias múltiplas identidades, inclusive com nossa identidade judaica: como as apresentamos ou escondemos, como as afirmamos ou negamos.

Duas palavras importantes desta festa indicam este jogo de esconder e revelar identidades, que acontece na brincadeira de se fantasiar: Ester, a heroína de nossa história, e Meguilá, o pergaminho que contém a história de Purim. Ester tem a mesma raiz da palavra Nistar, que quer dizer “oculto” ou “escondido”. Já Meguilá tem a mesma raiz da palavra Galui, que quer dizer “revelado” ou “manifesto”.



Conta-se que um judeu estava viajando numa longa jornada. Ele chegou a uma cidade ao anoitecer e desesperadamente procurou por um lugar para se hospedar mas só encontrou um albergue lotado de soldados. Ao implorar com o gerente, conseguiu que este lhe colocasse no quarto do general, que estava fora, sob a condição de sair assim que amanhecesse. Acordado pelo gerente do albergue quando ainda estava escuro, o viajante vestiu por engano o uniforme do general e saiu. Passando na frente de uma vitrine, o viajante viu seu reflexo no vidro e exclamou, “Este gerente! Acordou o general ao invés de mim!”

A possibilidade de trabalhar nossas múltiplas identidades em comunidade e num clima de brincadeira e descontração é senão um reflexo de maturidade e profundidade espiritual.

Rabina Luciana Pajeki Lederman

Comunidade Shalom
São Paulo, Brasil



With support from the WZO.